

Além da empresa sustentável

Rodrigo C. da Rocha Loures

Já há alguns anos vêm se propagando iniciativas voltadas para a construção de empresas sustentáveis. Mas não está na hora, por exemplo, de elevarmos nossa atenção para além “da empresa sustentável” e começarmos a estudar e a projetar “sociedades sustentáveis”? , uma vez que não se trata apenas da forma como produzimos, mas igualmente da forma como consumimos.

Como sugere a expressão “inovação em massa”, nossa era é uma onde há necessidade premente de se aumentar a velocidade do alcance de soluções isoladas: é o momento de elevar a escala, ampliar. Uma era de mudança em massa é, assim, uma oportunidade para inovação ampliada. É um chamado para a criatividade humana mais avançada, numa escala e sentido de propósito que representem uma nova ordem de magnitude. Valorizar inovação em termos de projeto sistêmico é valorizar um dos mais abundantes e renováveis recursos à nossa disposição – a imaginação e o espírito empreendedor do homem.

Uma nova era está se iniciando sob o nosso olhar e, se faz claro que, para que alcancemos êxito, é preciso que sejam feitas ações locais, por pequenas que possam parecer, mas cuja dinâmica pode, assim como o sal, que, espalhado, tempera por onde passa, ir penetrando nas mentes, que, aos poucos, vão sendo sensibilizadas para esta problemática, e, assim, como um encontro de vários fios, se forme finalmente uma imensa teia, que estamos chamando de “consciência”, e que esta vá se expandindo até atingir a escala global.

Embora fundamentais, as ações individuais não bastam para alcançar a massa crítica necessária. Uma metáfora central para entender o que precisa ocorrer é o “dilema do prisioneiro”, conceito elaborado pelo matemático John Nash – ganhador do Prêmio Nobel¹ –, baseado na colaboração como ponto de equilíbrio. Por exemplo, se poluo e gasto dinheiro colocando filtros, meus custos aumentam. Se todos colocam, continuo competitivo. Se só eu coloco filtros, corro o risco de falir. Portanto, as ações precisam ser coordenadas, o que implica estabelecer pactos difíceis, mas necessários. A

¹ Compartilhou o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel, de 1994, com Reinhard Selten e John Harsanyi.

capacidade de criar compromissos nos casos em que a ação individual pode ser suicida é o elemento-chave de uma estratégia realista.

Os empresários usualmente são condicionados a produzir riquezas e, com isso, alavancar o crescimento do seu negócio e do país. Trata-se de uma ação natural de quem tem coragem e vocação para empreender e colocar um bem a serviço da sociedade. Devemos reconhecer, porém, que nem sempre a produção e a preservação ambiental caminham juntas. O certo é que, até alguns anos atrás, os temas econômicos ocupavam de forma exclusiva a vida das nossas empresas. Atualmente, as preocupações ambientais e sociais estão presentes na pauta prioritária de muitas corporações. O mesmo acontece nos ambientes do poder público, da academia e da sociedade civil. É parte integrante da vida das pessoas. Mas há muito o que avançar!

Cada um desses atores estabelece, a seu modo, iniciativas próprias para o que considera vital ao desenvolvimento sustentável. Isso é importante. Mas, entre eles faltam três atitudes fundamentais e simultâneas para que haja efetividade e produtividade em prol da sustentabilidade, a saber:

- cooperação;
- articulação;
- tratamento sistêmico para as ações.

Além disso, falta ainda atender à uma condição obrigatória, que é a formação de novas competências em desenvolvimento sustentável – um objetivo que só será atingido pela via de novos conceitos de educação em gestão. O reposicionamento do mundo empresarial, a complexidade e o dinamismo crescente dos mercados pedem gestores com percepções e métodos diferenciados daqueles que até aqui têm vigorado e, cujas características imprescindíveis serão:

- compromisso ético;
- visão sistêmica;
- habilidades de liderança e inovação;
- sensibilidade social e política.